

HOMENAGEM DEVIDA

Por José Magalhães Godinho

Apesar de, pela minha pouca idade de então — 9 anos — não ter participado nos acontecimentos que culminaram na revolta monárquica de 1919 precisamente neste mesmo mês de Janeiro, a verdade, é que vivi e vibrei com eles.

— Lembro-me de andar ufano com um laço verde e encarnado posto na banda do meu casaco, e de dar vivas à República, nas ruas da Graça, bairro onde nasci e vivi até aos 28 anos.

E todos os meus amigos, gaiulos como eu, vínhamos para a rua gritar os nossos vivas à República, e aventurávamo-nos a vir até à Baixa Para ver os grupos de civis que iam ao Terreiro, do Paço reclamar que lhes entregassem armas Para defender a República. que os monárquicos, postados e entrincheirados

Monsanto, pretendiam derrubar, como o pretenderam também antes com as incursões monárquicas, com a monarquia do Norte, esta pela mesma época de Monsanto,

A ditadura de Sidónio Pais, procurando desmantelar o Partido Republicano, prendendo os vultos principais da República, tinha propiciado a possibilidade destas. novas intencionas Monárquicos, até porque a República, com a sua ingénua generosidade,- tinha deixado à solta, e até nas fileiras do Exército e da Marinha, muitos oficiais monárquicos, que, aliás, tinham jurado fidelidade ao novo regime, mas que, tudo fizeram sempre para abjurar, para traír o seu juramento.

Pensavam eles que o povo português não daria a extraordinária lição que veio a dar do seu amor e dedicação à República, e que o Exército e a Marinha seriam facilmente batidos e que a Guarda Republicana não seria inimigo de temer. Mas enganaram-se, mano já se tinham enganado antes.

A parte republicana do Exército, da Marinha, e da Guarda Nacional Republicana, com a aliança e o auxílio espontâneo, entusiástico e decidido do

povo, uma vez mais se uniu e não só travou o passo, como aniquilou, bateu irremediavelmente, a reacção monárquica.

Foi mais uma página brilhante de dedicação e civismo que foi escrita para a história da República. Neste momento, em que todos vibrámos com a nova derrota infligida à reacção, graças à solidariedade do povo com as Forças Armadas no dia 25 de Abril, há que recordar e prestar a devida homenagem aos que souberam, sem tergiversações, bater-se em Janeiro de 1919, para consolidar a República, como passo indispensável para a consolidação da Democracia. com a nova derrota infligida à reacção, no dia 25 de Abril de 1974.

São duas datas que tala de considerar-se ligadas já que hoje em dia também República e Democracia são inseparáveis, e são a vitória irreversível para um futuro progressista, rumo ao socialismo, em Portugal.

Homenagear os homens que souberam consolidar a República em

Janeiro de 1919, é, ainda, chamar a atenção para a necessidade permanente da vigilância, face à reacção que neste país nunca desarmou, e espregueira sempre as ocasiões propícias para voltar à carga, para mais um acto de traição.

E, porque não tem *escrúpulos*, a reacção serve-se de todos os meios e todos os embustes e é capaz, para procurar o triunfo, das maiores vilanias.

Por isso, e para que a lição não esqueça, eu quero hoje não só homenagear o povo republicano e democrático que sempre soube bater-se pelo seu Ideal, desinteressada e abnegadamente, como ainda aqueles que foram as 'grandes vítimas da traição, e os que ao lado do povo, comandando-o, enquadrando-o, incitando-o e com ele combatendo, tornaram possível a vitória.

Ao lado dos cidadãos anónimos, das massas trabalhadoras, dos batalhões académicos, do Povo em geral, eu quero relembrar hoje os nomes de André Brun, Afonso Cerqueira.

e alferes Cardoso de Brito. O primeiro, comandando os civis armados, o segundo, à frente dos marinheiros, o terceiro, rompendo com a carga épica à frente do seu esquadrão da Guarda Republicana, que foi decisiva para a derrota e a debandada das hostes monárquicas dos altos de Monsanto.

-E essa carga heróica e vencedora, foi o justo castigo no acto vil de traição, cometido nas pessoas do alferes José Martins e do soldado 41 da 4.ª companhia, ambos da G. N. R., Francisco Alves. cobardemente assassinados quando se dirigiam para parlamentar com os monárquicos que estavam no forte de Monsanto e haviam içado a bandeira branca.

Foi no dia 24 de Janeiro cietro, José Martins e Francisco Alves, seguiram para o forte onde momentos antes fora içada a bandeira branca. Cá fora vem ao seu encontro um oficial monárquico (ao que parece de

apelido Pessanha) e dirige-se a José Martins que o abraça. Mas esse abraço, foi pior do que o beijo de Judas, já que durante ele apunhala-o nas costas e desfecha-lhe um tiro no peito, causando-lhe morte imediata, e do forte alvejam a tiro o soldado Francisco Alves que também logo cai morto, É então que, desvairado, horrorizado com tal crueldade monstra e tal vilania, o alferes Brito se atira, indiferente ao fogo e ao perigo, com o seu esquadrão encosta acima e domina o forte, vencendo assim a traiçoeira acção dos revoltosos, e levando-os à debandada, à rendição, à vergonha de sua feia acção.

Recordar estes mártires, no dia de hoje, prestar-lhes a homenagem devida é garantir que o povo não desarmará jamais na sua vigilância, e não deixará nunca mais passar a reacção, seja qual for o embuste de que se sirva, ou o acto de traição que pratique, é o dever *de todos* os democratas portugueses.

PÁGINA 3

(REPÚBLICA, JANEIRO DE 1975)

<http://www.ventoforte.org/seculo.pdf>

<http://www.ventoforte.org/pai1.pdf>